
CARNAVAL DA NOVA CONSCIÊNCIA

Elisete Schwade

Introdução

Nos carnavais das duas últimas décadas, Campina Grande/PB, a exemplo de outras cidades nordestinas, tem recebido um número expressivo de visitantes. Mas o apelo da cidade é de outra ordem. É comum ouvir *slogans* como “Neste Carnaval vamos fazer a cabeça” ou “Neste Carnaval saia de alma lavada”, indicando um tipo singular de “folia carnavalesca”. Desde 1992, Campina Grande abriga o “Carnaval da Alma”, evento anual oficialmente conhecido como “Encontro Para a Nova Consciência: O pensamento da cultura emergente”.

Ao encontro em Campina Grande comparecem anualmente representantes de diferentes universos confessionais, tradições de cura e artes divinatórias, o que proporciona, além da manifestação de um conjunto de práticas e vivências, reflexões sobre dilemas da contemporaneidade, entre os quais se destacam as questões da tolerância, da paz, da globalização.

A princípio, um encontro que, de acordo com alguns dos seus pioneiros e assíduos frequentadores, propunha reunir pessoas dispostas a discutir questões que dizem respeito à humanidade no seu conjunto e a cada um em particular, a partir da ênfase na diversidade, na tolerância e no diálogo. Desde o início das atividades, na década da virada do milênio, esse evento articulou-se de modo significativo com

outras expressões do chamado “Movimento da Nova Era”, fenômeno que, embora mais evidente naquele período, ainda tem repercussões significativas no começo deste novo século. O fato instigante é o caráter de permanência do Encontro para a Nova Consciência, no qual tais conteúdos vêm sendo alimentados anualmente, em um fluxo dinâmico que amplia os sentidos do Carnaval da Nova Consciência, num contexto em que muitos dos meios de difusão que, na virada do milênio, marcaram uma forte onda neo-esotérica, parecem estar perdendo força¹.

O acontecimento é uma das manifestações de um fenômeno cosmopolita, já que reúne indivíduos de diferentes partes do país, de diferentes nacionalidades e até mesmo de diferentes etnias, que dialogam, realizam e trocam experiências e sensibilidades, interagem a partir de uma linguagem polissêmica.

Nos projetos de divulgação do Encontro, sempre se menciona o “clima espiritual” já vigente na cidade no período de carnaval, em função da realização anual do Encontro Movimento de Integração do Espírita Paraibano MIEP –, salientando-se que, na realização do I Encontro Para a Nova Consciência, aquele já acontecia há doze anos e, portanto, foi incorporado como evento “paralelo” a este último. A presença do chamado “clima espiritual” foi determinante para a proposta singular de folia carnavalesca. Mas é importante lembrar também a influência decisiva de pessoas que, na época de efetivação do I Encontro, viviam um processo de desenvolvimento espiritual e estavam envolvidas com as primeiras manifestações do neo-esoterismo na região. Algumas eram da própria Campina Grande, outras de cidades próximas e mantinham alguma relação com o poder público local.²

Assim, constrói-se a idéia de um Encontro aberto a todas as tradições espirituais, tornando-o condizente também com as primeiras manifestações do fenômeno neo-esotérico que vinha se instalando na região, naquele período.

As referências à idealização do evento comportam também a dinamização da economia local através do turismo. Neste sentido, o Encontro atua como pólo irradiador (ou catalisador) de um tipo de turismo que se distingue de pontos amplamente divulgados, ou seja, envolve-se na produção de novas atrações. Inventam-se novos lugares turísticos³, em função da relação com temas veiculados — religiosidade, tradições, entre outros. Atribuem-se novos significados a lugares antigos. Relacionar essas atrações ao Encontro implica alargar a sua concepção, aludindo à possibilidade de divulgar e integrar “tradições”, proporcionar o contato com a diferença e vivenciar a alteridade, o que se constitui, inclusive, como parte das metas do Encontro, e que termina se concretizando, em algumas ocasiões, não somente enquanto reflexão, mas como uma prática de contato entre a cidade, seus moradores e pessoas de outras regiões que permanecem no local durante o período. Emerge, assim, a capacidade desse evento de multiplicar diálogos e referências, em sintonia com uma das principais características do neo-esoterismo em suas distintas manifestações.

A presença de agentes e adeptos da região Nordeste em interação com

divulgadores de práticas e ideários de outras regiões e cidades brasileiras faz desse tipo de evento um instrumento de participação numa rede de relações mais ampla, que extrapola o âmbito regional. Permite também perceber diferentes graus de envolvimento na disseminação do neo-esoterismo. É importante sublinhar que o ENC se insere em uma rede de difusão e contatos entre praticantes e divulgadores que celebram a multiculturalidade em Campina Grande no período de carnaval a cada ano, no mesmo ritmo em que alimentam, no decorrer do ano, diferentes formas de cultivo da espiritualidade, cuidado do corpo, do *self* e da natureza, como parte de um *circuito* de disseminação de tais práticas⁴.

Portanto, uma das singularidades do Encontro situa-se na relação estabelecida com a dinâmica da cidade de Campina Grande⁵ como parte da divulgação do acontecimento⁶. Não se trata, contudo, de sua única especificidade. Outra diferença está na reunião, desde a fase de organização, tanto de personalidades reconhecidas pelo empenho na difusão de conteúdos e ações correlatas ao discurso corrente no universo neo-esotérico, (inclusive as experiências e expressões religiosas que se evidenciam através de sua disseminação) quanto de representantes de segmentos de diferentes universos confessionais, como o Pastor Presbiteriano Nehemias Marien e, até 2006, o Bispo Católico Dom Luiz Gonzaga Fernandes⁷.

Cabe, ainda, ressaltar a principal característica do “Encontro Para a Nova Consciência”: contar com a presença de representantes de universos confessionais consolidados (católicos, espíritas, protestantes, entre outros) em interação com representantes de religiosidades em construção, bem como com grupos e filosofias diversas que integram o neo-esoterismo. Atuando como divulgadores, são em geral escritores e/ou editores (de assuntos gerais que tocam temas veiculados através do neo-esoterismo, especialidades de artes divinatórias, práticas terapêuticas alternativas) e também pesquisadores vinculados a instituições acadêmicas, que promovem articulações livres das crenças e ideários que sustentam⁸.

Um olhar atento sobre a dinâmica do ENC se justifica pela sua ênfase em uma perspectiva multicultural, agenda da sociedade contemporânea, ancorada de modo particular no cultivo da espiritualidade. Tal perspectiva, o multiculturalismo como diálogo, encontro, estimula a pensar em possibilidades abertas para incorporar aspectos relacionados à ecologia, à espiritualidade e ao feminino, o que conecta o ENC com processos de reflexão em curso na sociedade contemporânea, em escalas nacionais e até globais.

O ENC completou 17 anos em 2008 e, no decorrer destas sucessivas edições, buscou promover o contato inter-religioso, ao mesmo tempo em que divulgou uma “leitura” da realidade contemporânea com conotação terapêutica, o que se traduz no objetivo de promover a transformação individual e planetária. Trouxe interpretações e vivências sincréticas de fragmentos que remetem a diferentes tradições religiosas e não-religiosas, resultando em práticas e discursos de diversos matizes, os quais envolvem expectativas de mudança pessoal, sacralização do *self* e da natureza, práticas

de cura, terapias corporais, celebrações, meditações. No decurso desse período, o ENC congregou, além da discussão dos temas, manifestações diversas, com um posicionamento contra o preconceito traduzido em situações específicas, tais como a incorporação recente da luta contra a homofobia⁹.

No decorrer de minhas sucessivas observações de campo no ENC, assistindo a palestras, acompanhando vivências, entrevistando agentes, o Encontro permitiu pensar como se constrói o diálogo entre diferentes frentes culturais por meio dos conteúdos e ações difundidos no neo-esoterismo. Um espaço de reflexão, de vivência e de partilha, no qual avistei um horizonte mais amplo de produção e difusão de práticas e conteúdos que ganham expressividade pelo reconhecimento coletivo, permitindo argumentar o conjunto de práticas neo-esotéricas como um universo em permanente construção¹⁰, com uma referência explícita ao multiculturalismo.

Minhas primeiras pesquisas no Encontro foram realizadas em Fevereiro de 1997, seguidas das edições de 1998, 1999, 2000, com um retorno na 16^a, em 2007. A participação intensa em várias edições permitiu-me perceber sua dinâmica, a variação e mudança dos conteúdos veiculados, a forma de organização e as diferentes modalidades de participação. Propiciou ainda a observação detalhada da abertura constante para novos conteúdos e práticas: um olhar de perto e de dentro do ENC, observando o trânsito dos atores envolvidos. Em relação ao período de 2001-2006, embora não tenha participado, tive acesso à programação. O retorno para uma nova etapa de campo em 2007 permitiu perceber permanências e mudanças na promoção do evento.

Dessa forma, as sucessivas observações, desde 1997, possibilitaram perceber como são atualizados conteúdos e práticas que sustentam a disseminação do neo-esoterismo que tem como base de sustentação a ecologia, a espiritualidade e o feminino¹¹. Tais conteúdos ganham vida a partir da interação entre diferentes participações que lugar no ENC e que podem ser percebidas também no contexto mais amplo de divulgação do neo-esoterismo. O caráter aberto e poroso da referência à nova consciência, traduzido em uma incorporação permanente de novos assuntos e novas práticas no contexto da afirmação da diversidade, se coaduna com a reflexão sobre esse universo como em permanente construção, aberto para novas práticas e novos diálogos.

Nesse sentido é importante registrar uma pequena, porém significativa, alteração na chamada que divulga o ENC. Até a edição de 2005, a chamada era “Encontro *para* a Nova Consciência”. Já a partir da XV edição, em 2006, passa a ser divulgado como “Encontro *da* Nova Consciência”, numa clara alusão ao papel que se entende esteja sendo desempenhado por este evento, cuja singularidade é constantemente nuançada¹².

Na sequência do texto, argumento que a longevidade do evento está relacionada à abertura constante para novos temas e práticas, aliada à presença sistemática de alguns divulgadores dos conteúdos neo-esotéricos, que têm se mantido

ativos ao longo das duas últimas décadas¹³. Sublinho a seguir suas características como contribuição para pensar referências associadas à religiosidade, como vivência, experiência e partilha, num horizonte de produção e difusão de práticas e conteúdos que ganham expressividade pelo reconhecimento coletivo.

No ritmo do Encontro

Para os organizadores, o Encontro Para a Nova Consciência faz parte de uma rede mais ampla e propõe-se a contribuir para (ou efetivar) uma nova era, pautada no diálogo e na tolerância. Tal perspectiva dá a tônica do Encontro, cuja realização pretende-se seja efetivada "...dentro de um espírito de macroecumenismo", conforme ressaltou em entrevista um dos organizadores, reunindo pessoas e instituições voltadas às mais diversas correntes de pensamento. A espiritualidade é constantemente nuancada, mencionando-se, na divulgação do Encontro, o diálogo entre importantes líderes religiosos pertencentes a diversos universos confessionais e filosofias, como, por exemplo, a participação de Leonardo Boff em 1998, e Peire Weil, em diferentes edições, entre outros. Emerge, assim, uma importante característica do ENC, qual seja o acolhimento de todas as tradições espirituais, situado pelos organizadores como parte de um movimento onde se procura uma "ampliação da consciência"¹⁴, levando em conta a necessidade de equilíbrio entre todas as dimensões da existência humana, sua relação com a natureza e a transcendência. Tal acolhimento, entretanto, se vincula sempre aos líderes e difusores, suas trajetórias e práticas.

Embora o fato de constituir-se em espaço de reunião das diferentes expressões e experiências religiosas revele uma face significativa do Encontro, esta adquire diversas particularidades que merecem ser destacadas, uma vez que se constitui também em um lugar onde se cruzam experiências vinculadas a diferentes tradições, que ali assumem um sentido polissêmico.

A cada Encontro há uma estrutura básica que se repete, cujas variações estão relacionadas à presença de diferentes palestrantes e a ênfases temáticas. A estrutura comporta: a) Um Fórum Principal b) Eventos Paralelos; c) Feira Esotérica e Feira de livros¹⁵.

No fórum principal, as intervenções acontecem em forma de palestras e mesas-redondas, realizadas com referência a um eixo temático específico em cada edição, tais como "Globalização" (1997), "Crise e transformação planetária" (1998), "O portal do III milênio" (1999), "Cultivando a Paz" (2000), "Educando para a paz" (2007), entre outros.

Observa-se nesses chamados uma sintonia com os principais dilemas vividos na contemporaneidade, o que situa o fórum de debates como um atrativo que não qualifica as possibilidades de participações em função de afiliações religiosas ou a outras "tradições", condizente com os propósitos do diálogo em função do reconhecimento de temas comuns à humanidade.

Tais temas amplos, entretanto, assumem singularidades no contexto da multiplicação dos chamados eventos paralelos, o que remete a outra característica importante que contribui para a permanência do ENC: os assuntos tratados, sempre pautados na referência ao diálogo, tolerância, paz, fazem parte da motivação no oferecimento de experiências e experimentações. Os eventos paralelos abrem espaço para que grupos com distintos estilos de afinidades realizem suas reuniões, destacando-se a possibilidade de diferentes tipos de experiências, seja com maior ênfase no caráter religioso, através das reuniões de diversos grupos, como também em alguns arranjos que cruzam a espiritualidade com outros campos, especialmente alternativas terapêuticas, no “Simpósio de Terapias Alternativas”.

Enquanto isto, a “feira esotérica” e de livros, em função de sua localização estratégica, ocupando o *hall* de entrada do Teatro, constitui-se em passagem obrigatória, contribuindo para o estabelecimento do clima do Encontro. Proporciona o contato entre os participantes, em momentos de circulação mais livre e também o consumo selecionado, em consonância com os conteúdos e práticas divulgadas.

Observando a dinâmica do Encontro, percebe-se a importância do movimento de atores sociais em interação, na construção de um circuito mais amplo. Por reunir, simultaneamente, expressões plurais de vivência religiosa, reflexões sistemáticas sobre temas atuais e que despertam o interesse coletivo (violência, paz, diálogo, tolerância, globalização) e experiências e aprendizados em cursos e vivências terapêuticas, é o entrelaçamento entre essas diferentes perspectivas que torna o Encontro para a Nova Consciência um espaço importante para refletir sobre as diferentes faces que vem assumindo a disseminação do neo-esoterismo no Brasil e na região Nordeste, em particular.

No Encontro, há uma grande interação entre os participantes. Ocorrem contatos efetivos entre pessoas que ali se apresentam como palestrantes, facilitadores de vivências/*workshops* ou na condição de ouvintes/participantes oriundos de diferentes regiões. No caso dos palestrantes e facilitadores, resguardando os diferentes níveis de participação e envolvimento, os mesmos sublinham nas intervenções suas crenças, aspectos de suas trajetórias de vida, o que faz com que a participação frequentemente se constitua como parte de um itinerário mais amplo de dedicação à divulgação de estilos de vida e visões de mundo em elaboração, o que confere à situação um sentido que vai além da promoção da “nova consciência” enquanto ensaio de vivência plural da religiosidade ou, como divulgada pelos organizadores, como prática de ecumenismo.

O encontro acontecendo

É grande a movimentação nas adjacências do Teatro Severino Cabral, região do centro de Campina Grande, no entardecer da sexta-feira que marca o início do carnaval. O propósito de um carnaval da alma, como foi amplamente anunciado, se explicita na presença de diferentes grupos, os quais expressam nos gestos, vestimentas,

adereços, oferecimentos de *folders* e materiais, seus pertencimentos religiosos e propósitos de reflexão. Esse clima se repete a cada ano, resguardando cores e tons que indicam novas adesões. O Teatro Severino Cabral e seu entorno são tomados pela alusão à nova consciência.

As atividades do Encontro se instalam em um tom de celebração que deixa sobressair, mais do que as falas, o acontecer da reunião em si. No mesmo palco, na mesma mesa, personalidades e perspectivas que traduzem a intenção do evento: a abertura sem fronteiras para todas as visões de mundo e modos de vida (destacando-se sempre a dimensão religiosa) que se propõe ao ensaio do diálogo, do respeito, da tolerância. No ano de 2007, esse ambiente foi prejudicado, tendo em vista a já mencionada ausência do pastor Nehemias Marien e do Bispo Dom Luiz Gonzaga, falecidos recentemente. Naquele momento não houve, portanto, a instalação das atividades com a presença de representantes de todas as tradições espirituais. Não obstante, uma atividade chamada “Ato ecumênico pela paz”, realizada no domingo, em uma praça próxima ao Teatro, cumpriu esse papel.

Após a instalação das atividades, acontece a “Conferência de Abertura”, onde a cada ano se repete a referência aos temas da paz, diálogo, entre outros, situando a “nova consciência” e seu significado, na crítica aos rumos da humanidade nos campos político, econômico e cultural e seus efeitos perversos (assunto que se repete em diversas intervenções). Desintegração, cisões, exclusão, violência, domínio do poder econômico, concentração de riquezas, desigualdades de gênero, homofobia, preconceitos e descuido com o meio ambiente são questões ressaltadas, abrindo espaço para uma avaliação conjuntural em escala global e remetendo simultaneamente a dimensões da existência cotidiana.

Para encerrar as atividades da primeira noite, apresentações musicais de artistas locais e também de outros Estados. Estes últimos em geral com envolvimento mais estreito com o universo neo-esotérico completam a instalação do clima do Encontro, associando à iniciativa o louvor, a oração conjunta, a reflexão, o canto, em ambiente onde se cruzam o aprendizado e o lazer, a religiosidade e a festa, perspectiva que é reforçada em todas as atividades.

Na sequência, as atividades se dividem entre palestras e mesas que ocorrem no Teatro e aquelas agrupadas como “eventos paralelos”. Entre estes tem destaque, a partir da manhã de sábado, aquele que congrega maior contingente de público: o Simpósio de Terapias Alternativas. Ali circulam os divulgadores de experiências na forma de vivências, contemplando diversas terapias alternativas, artes divinatórias etc., com ampla presença dos facilitadores/agentes da região Nordeste. É também este o espaço de contato mais direto com diversas possibilidades de práticas de cura (física, mental ou espiritual), com ênfase na conotação terapêutica atribuída como parte da espiritualidade a ser promovida pela “nova consciência”. Um dos organizadores do Encontro, em entrevista em que eu lhe perguntava acerca do destaque deste Simpósio, justificou o investimento do Encontro nas “terapias alternativas” como um

forte atrativo de público, pela procura das pessoas "...por essas coisas esotéricas".

Em horário simultâneo ao Simpósio, inúmeros espaços em prédios públicos (auditórios em museus, salas de aula etc.) próximos ao Teatro abrigam grupos específicos, reuniões também definidas como eventos paralelos ao fórum central. Os Eventos Paralelos caracterizam-se pela heterogeneidade de temas e se constituem especialmente em espaço para que os adeptos de grupos religiosos presentes tenham um contato mais estreito com aspectos doutrinários e rituais de sua adesão religiosa, oportunizando a reunião de pequenos grupos afins. Comportam também outras organizações, como "movimento negro", "comunidades indígenas", "profissionais do sexo", "xamanismo", "wicca", "astrologia", "plantas sagradas", "homoerotismo", entre outros. E, ainda, pequenos grupos que se propõem a dialogar acerca de uma nova visão da ciência, seja através da reflexão sobre "novos paradigmas" em sentido amplo ou através da análise de sistemas religiosos. Com exceção do Simpósio de Terapias Alternativas e do Encontro do Movimento Espírita Paraibano, os demais eventos são reuniões rápidas, com duração de duas a quatro horas.

Os destaques das palestras e mesas-redondas remetem com frequência à noção de "nova consciência" que dá título ao Encontro, considerando-a no contexto da reflexão sobre a espiritualidade, interpretando seus indícios nas ações de expressões religiosas singulares. Como exemplo, a *espiritualidade* e sua integração em uma "nova consciência", aludindo a polaridades tais como "razão *versus* religião". A noção de "nova consciência" sustenta também a referência a diferentes *tradições*, como aquelas cultivadas e exaltadas porque são "oriundas da floresta" (o Santo Daime) ou porque pertencem aos "povos da floresta" (através das falas de membros de grupos indígenas)¹⁶. A própria noção de "consciência" é problematizada em várias intervenções dos palestrantes: questões como "Que Consciência?" e a reflexão sobre "Consciência e Ética Mercadológica", "Conhecimento, Transcendência e Nova Consciência" estiveram na pauta das discussões.

Deve ser ressaltado que o sentido da noção de "nova consciência", título que pretende caracterizar o Encontro, é amplo e possui um caráter poroso, articulando-se com vários contextos semânticos. De um lado, porque denota a perspectiva de assumir uma postura, ter uma "nova consciência"; de outro, porque indica a participação de um novo movimento, ser da "nova consciência", onde se enfatizam os conteúdos e a exemplaridade em um modo de vida. O "ser" da nova consciência merece ser enfatizado e se constitui em aspecto fundamental, na medida em que permite traduzir os propósitos da reflexão em práticas, remetendo a atores presentes cuja exemplaridade é constantemente aludida.

O ambiente do Encontro caracteriza-se pela efervescência, movimento, partilha, reunindo diversas possibilidades relativas aos conteúdos e práticas do universo neo-esotérico em um só local. Repete-se anualmente a simultaneidade entre a feira, culto, reza, festa, a transmissão de informações valorizando conhecimentos sistematizados, reflexões organizadas que cruzam religião, filosofia, arte, reiterando a

própria noção de “encontro” como possibilidade de reunião e reconhecimento onde o objetivo principal é a comunicação.

“Nova Consciência”: aprendizado através do diálogo e da reflexão.

Vistos sob a ótica das informações veiculadas, os momentos das palestras e mesas-redondas são os que aproximam o Encontro de um “Congresso Científico”¹⁷. Em certas ocasiões, oportuniza-se a participação do público através de questionamentos formulados aos palestrantes. Mas a imagem é de um plenário/platéia que escuta e de um saber localizado no palco, onde ficam os palestrantes.

Uma das questões que chamaram minha atenção desde as primeiras observações no Encontro Para a Nova Consciência foi o predomínio de um “tom acadêmico” em certas intervenções. Este mesmo “tom” se evidencia ainda por meio do destaque dado à participação de personalidades vinculadas a diferentes áreas de conhecimento científico, com destaque para as ciências humanas e sociais. O tipo de intervenção efetuada por palestrantes portadores de outros vínculos, que não as áreas acadêmicas, sempre se fundamenta na ressalva da promoção de uma integração entre diferentes fontes de conhecimento, o que é identificado como parte da “visão holística”.

Outra dimensão é o empenho em constituir interfaces entre a afirmação da “nova consciência” e seus aspectos correlatos – a perspectiva de “totalidade” e integração, expressa na noção de “visão holística” – e o conhecimento científico e seus resultados. Se a ciência reconhecida como oficial é alvo de crítica, enquanto portadora de um caráter demasiado restrito, por excluir outras formas de conhecimento, e em muitas ocasiões responsabilizada pelos rumos pouco elogiáveis do progresso da humanidade, elegem-se certas áreas do conhecimento científico que são valorizadas e invocadas, inclusive para dar legitimidade a afirmações que sustentam os discursos e as práticas veiculadas¹⁸.

Dentro da proposta de articulação com algumas áreas do conhecimento científico, na edição do Encontro no ano 2000 aconteceu um fato interessante. O ENC contou com a presença de um grupo de sociólogos e antropólogos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, os quais tiveram espaço em uma sessão exclusiva, na forma de mesa-redonda que se propunha a refletir sobre “Religiosidade na Sociedade Contemporânea”. Na ocasião, apresentaram-se resultados de pesquisas em andamento, focalizando o campo religioso brasileiro, destacando principalmente a expansão das práticas neo-esotéricas e sua influência na dinamização deste campo, como exemplo da disseminação de formas plurais de vivenciar a religiosidade.

O que se mostrou como fato inusitado foi o tom das intervenções, que neste caso se distanciaram da perspectiva de trazer informações sobre expressões religiosas. Foram mais analíticas e buscaram interpretar o fenômeno neo-esotérico (fazendo referências a teorias e metodologias utilizadas na análise), constituindo-se como um

campo em separado, um olhar exterior. Uma espécie de avaliação sociológica apresentada à mesma platéia que estava sendo objeto de estudo nessas falas. A impressão era a de que o Encontro passara a ser avaliado no interior de sua realização, processando-se uma inversão onde vozes exteriores remetiam ao ecletismo que ali tem lugar, em certo sentido concebidas como parte desta perspectiva eclética.

No contexto mais amplo dos propósitos do Encontro, uma mesa-redonda como esta não causa estranheza, visto que consta dos próprios objetivos conceder espaço às diferentes formas de conhecimento – religião, filosofia, ciência, arte –, o que faz com que a presença de palestrantes que possuem vínculos com a academia seja recorrente e valorizada. Entretanto, aponta também para a dificuldade de cumprir tal expectativa, fazendo com que se perceba maior afinidade quando a exposição dos conteúdos está em sintonia com este diálogo.

A discussão sobre a “religiosidade na sociedade contemporânea”, na forma apresentada, constituiu-se em uma apreciação discursiva aparentemente desvinculada de qualquer tipo de interação dos palestrantes com os propósitos do Encontro. Um caráter distinto de outras mesas-redondas nas quais a presença de profissionais de áreas acadêmicas, como as ciências sociais, visa a trazer elementos de pesquisas sobre determinado tema, uma espécie de contribuição ao movimento de aproximação entre diferentes áreas de conhecimento – destacando-se a ciência, a religião e a tradição, dialogando com falas de adeptos. Este caráter pôde ser percebido em outra mesa-redonda, também no Encontro de 2000, cujo assunto foi “Plantas Sagradas e A expansão da Consciência”. Tendo como participantes três antropólogos, um adepto do Santo Daime e outro da Igreja da Barquinha, nesta mesa os acadêmicos apresentavam conteúdos que, enquanto resultados de pesquisas orientadas por métodos científicos, se situavam na forma de uma contribuição para a compreensão do tema, mais próximos, portanto, do que se pretende no Encontro.

Dessa forma, em contraste com outras atividades do Encontro (os eventos paralelos), prevalece nas intervenções na forma de palestras e mesas-redondas um caráter de formalidade e, mesmo que em algumas ocasiões as falas assumam um tom profético, doutrinário, prima-se pela transmissão de conhecimentos sistematizados. Entende-se que a exposição deve ser ordenada, nos moldes de uma conferência, por *paper* ou comunicação, com um raciocínio argumentativo e sistemático. Ouvi, em várias ocasiões, críticas a intervenções consideradas panfletárias, pouco consistentes, desprovidas de “lógica”. Além dos moldes da intervenção, são mencionados, na apresentação oral e nos *folders*, os vínculos profissionais dos palestrantes (titulação, pertencimento a universidades ou centros de pesquisa, quantidade de livros publicados, entre outros).

Paralelamente à valorização de um conhecimento sistemático, os palestrantes são apreciados também em função de sua capacidade de cativar o público através da comunicação verbal, em uma retórica que mistura o tom profético, carisma pessoal e a seriedade de um discurso acadêmico. Se por um lado reforça-se um caráter que

considera a primazia da informação e da explanação sobre a doutrina e a pregação, atribuindo respectivamente a condição da abertura e diálogo em oposição à fixidez e sectarismo (exemplificando, entende-se que um representante do Daime deva falar sobre o que é o Daime, ainda que se referindo à sua experiência, mas jamais conduzir seu raciocínio no sentido de atrair adeptos), por outro lado, mescla-se aos conteúdos a expectativa de atingir os presentes subjetivamente.

Neste contexto, embora as palestras e mesas-redondas tenham o propósito da transmissão de informações ecléticas, estabelecendo o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, em um processo de comunicação que privilegia o discurso, a palavra, se constituem também como espaço para o estabelecimento de outras modalidades de interação, como práticas de conscientização corporal, envolvendo aspectos como respiração e, nessas ocasiões, distanciam-se da perspectiva de um congresso acadêmico.

Reflexão, prática e experiência nos Eventos Paralelos

As atividades do Encontro que fazem parte dos Eventos Paralelos aos debates do Fórum Central – embora pequenas reuniões simultâneas abriguem diversas perspectivas – evidenciam dois aspectos importantes: 1) o espaço para reunião de grupos religiosos; 2) o oferecimento de técnicas de intervenção com caráter explicitamente terapêutico.

Tais dimensões apresentam singularidades e possuem também algumas interfaces. Como distinção, enquanto as atividades, como as do Simpósio de Terapias Alternativas, não explicitam vínculos que concretizem grupos afins, apresentando um caráter mais fluido no qual a *experimentação* é o sentido principal, os grupos religiosos compactuam, senão laços efetivos, ao menos certa afinidade. Contudo, no que concerne à vivência da religiosidade, proporcionam também um tipo de experimentação religiosa livre, oportunizando, independentemente da filiação religiosa, o contato com significados do Encontro com o Daime, das preces do Movimento Espírita, ou dos “decretos” da Fraternidade Branca¹⁹. Neste sentido, às vezes não explícito, o caráter de certas atividades ou mesmo da participação na reunião desses grupos religiosos pode assumir uma conotação terapêutica, podendo-se sugerir, enquanto interface entre as duas formas de reuniões em pequenos grupos que acontecem no decorrer do Encontro, o fato de ambas serem tangenciadas, de um lado, pela experiência religiosa e ênfase na espiritualidade e, de outro, pela conotação terapêutica.

Enquanto experiência religiosa, os agrupamentos constituídos em eventos paralelos apresentam um caráter claro de exercício religioso ou religiosidades em construção e utilizam como referência preceitos doutrinários e ritualísticos, os quais servem de parâmetro para que se repita certa ordenação. Já nas vivências do Simpósio de Terapias Alternativas, predomina o caráter de intervenção através do corpo²⁰: respiração, movimentos, massagens e uso de recursos como florais, prevalecendo como

princípio, mesmo que orientado pela especialidade a que se vincula o facilitador, o acontecer da vivência através da interação entre o facilitador e as expressões dos participantes, ainda que tangenciadas pela perspectiva de desenvolvimento espiritual, com maior ou menor ênfase.

Na programação do Simpósio de Terapias Alternativas, não se distingue entre o que é oferecido como “vivência”, “*workshop*” ou “curso”²¹. São tênues as diferenças entre essas atividades, todas caracterizadas pela participação coletiva em práticas de cura, meditação ou espécies de celebrações coletivas. Nos *workshops* (como indica a tradução mais aproximada no português, “oficinas”) é mais evidente o caráter de ensino/aprendizagem de uma técnica, uma arte divinatória, terapia corporal etc. Diferentemente, a “vivência” pode assumir exclusivamente o caráter de cura individual, no entanto sempre aludida enquanto possibilidade de contribuir para a “cura” (a “transformação”) do planeta. O aprendizado, sempre considerado terapêutico, neste caso uma terapia realizada coletivamente e supondo a integração das dimensões física, mental e espiritual, pode ocorrer através da intervenção no corpo, utilizando técnicas de massagens; no campo “energético”, remetendo a aspectos da existência cotidiana, onde o propósito é a intervenção através de tratamentos espirituais, que podem ou não incluir modalidades de cura ritual; no decorrer da reflexão sobre um tema, como pude observar diretamente na vivência “Sexualidade Como Caminho Para a Libertação”, onde a facilitadora Carminha Lévy, que divulga técnicas de cura xamânicas, propunha aos participantes uma reinterpretação da sexualidade.

Abrigados sob o rótulo Terapias Alternativas, como se pode ver no quadro abaixo, os propósitos expressos nas práticas oferecidas seguem a tendência de mesclar diferentes perspectivas, o que se coaduna com o que já argumentei acima como uma das principais características do neo-esoterismo e que aparece como emblemática no ENC: por em diálogo técnicas e/ou terapias corporais, artes divinatórias, práticas meditativas, curas rituais, podendo articular diferentes dimensões em uma mesma vivência/curso. A diversidade de perspectivas que permeia o quadro de ofertas remete à recorrência a áreas de conhecimento específicas, com destaque para as expressões artísticas²². O princípio utilizado para a classificação foi o da referência explícita à determinada técnica, e também foram observados os propósitos explicitados pelos facilitadores nas palestras. A lista arrola diferentes possibilidades, apontando também a inovação constante presente em arranjos do universo neo-esotérico.

Quadro 1 – Vivências/Cursos/*Workshops* do
Simpósio de Terapias Alternativas – 1999

Tipo	Títulos
Técnicas e Terapias de intervenção no corpo.	“O Corpo, Nossa Casa Interior”; “Reiki”; “Biodanza”; “Meditação dirigida: Consciência Corporal e Consciência Universal”; “Yoga no dia-a-dia com Equilíbrio do Corpo”; “Autodefesa energética”; “Shiatzu – Massagem”; “Yoga de Alimentação”; “Tai-chi-chuan”; “Massagem Chinesa”; “Reabrir o Coração: Tratamento Espiritual de Viciados — Florais de Bach”. “Saúde Através das Plantas, do Ar e da Alimentação”; “Saúde-se”; “Homeopatia vs Fitoterapia: Diferença e Aplicação”.
Cura Ritual.	“Canto e Dança dos Orixás”; “Roda de Cura da Medicina Sagrada”.
Expressões Artísticas.	“Escultura em Argila”; “ <i>Workshop</i> do Teatro Holístico”; “Ikebana”; “Pintura como Terapia Ocupacional”.
Artes Divinatórias.	“Oráculo da Água”.
Reflexões/vivências diversas.	“A Magia do Cotidiano”; “O Tao do Tarô e do <i>Feng Shui</i> ”; “A personalidade e o psiquismo Pré-Natal: Uma questão desvendável”; “Meditação Sobre as Palavras de Jesus em Aramaico”; “Renascimento”; “Perca o Medo de Falar em Público”; “Atualizações Para o Terceiro Milênio: Os Bastidores da Experiência Humana”; “Uma Interpretação da Sexualidade Como Caminho da Libertação”; “Oficina da Palavra”.

Esta particularidade de um fazer, da oficina, está atrelada ao seu oferecimento numa ambientação particular proporcionada pelo Encontro na sua totalidade. Ainda que possa ser situado como um dos entrelaçamentos que é parte de uma rede de oferecimento de diferentes experiências, o clima deste Encontro, reunindo diversas modalidades (aprendizado, prática, experiência) aponta para a inter-relação entre grupos religiosos estruturados, em construção, e diferentes práticas terapêuticas. A experiência propiciada pela prática, mesmo em se tratando dos grupos religiosos, de maneira geral é precedida de informações fornecidas em palestras no fórum central. Deve-se mencionar ainda que, em algumas ocasiões, os participantes do Encontro que procuraram essas práticas tinham conhecimento das mesmas em função de contatos anteriores ou de leituras efetuadas.

São duas dimensões que se cruzam. Na reflexão sobre a “humanidade” e os rumos da “civilização”, a ênfase se coloca sobre a necessidade de restauração da harmonia em escala planetária, que se pretende possível através do reconhecimento

da diversidade, do propósito de diálogo e tolerância, considerado no seu conjunto como divulgação de práticas e reflexões aludidas como “alternativas” – à ciência oficial; aos sistemas religiosos fechados em suas Igrejas e doutrinas. Já na possibilidade do contato com experiências que vêm no sentido de enfatizar a harmonia no plano individual, a ênfase recai sobre a intervenção na singularidade de cada indivíduo, nas suas relações pessoais, na sua harmonização “interior” e do “seu” ambiente, seja buscando uma espécie de cura individual, seja refletindo sobre a possibilidade de despertar suas potencialidades. Assim, nesta segunda forma de apresentação, o encontro assume o caráter de ofertas de conteúdos e experiências para “indivíduos”. Entretanto, numa situação em que se proporciona um “clima” para que essa experiência não seja restrita a uma relação convencional de intervenção terapêutica ou de aconselhamento, o que permeia o próprio sentido da vivência e termina introduzindo uma mediação entre o indivíduo e sua relação com a transformação em sentido amplo. As práticas se sustentam pela expressividade de um reconhecimento coletivo, que vem sublinhando de maneira cada vez mais enfática um caráter multicultural, o que dinamiza e alimenta as contínuas realizações do Encontro *da Nova Consciência*.

Percebo tal mediação entre a referência ao indivíduo e a transformação planetária de duas formas. Por um lado, de acordo com o conteúdo de cada prática proposta, emerge nas falas dos palestrantes – ou nas explicitações que antecedem vivências e *workshops* – a referência a processos históricos e socioculturais específicos, situados temporal e espacialmente, visando a resgatar experiências concretas que se constituiriam como exemplares na organização comunitária, no tratamento e relação com a natureza, no desenvolvimento espiritual, nas relações entre homens e mulheres e entre outras dimensões valorizadas no plano discursivo mais amplo que dá sustentação ao caráter das atividades do Encontro e outras similares. Por outro lado, a experiência compartilhada nesses momentos de vivências por si só é valorizada enquanto perspectiva de partilha, encontro e troca, estabelecendo o contato e dando lugar a laços de sociabilidade, sustentados através de momentos em que se afrouxam as amarras de pertencimento a grupos, vínculos com instituições, enfim, em que prevalece a interação entre as pessoas, ressaltando-se a amabilidade, a cordialidade (Simmel 1983:170), experiência que remete à ambientação do Encontro na sua totalidade.

Atores da “Nova Consciência”

É fundamental ressaltar que, não obstante o estabelecimento de laços de sociabilidade ficar evidente nas interações entre os presentes no Encontro, a participação abrange diferentes modalidades de envolvimento, podendo ser classificada em três grupos: os palestrantes, os facilitadores de vivências e *workshops* e os que atuam na condição de participantes. No interior dos três grupos, também se operam distinções e entrelaçamentos: por exemplo, alguns palestrantes também podem assumir

a condição de agentes e facilitadores. Há que se considerar ainda a assiduidade de algumas personalidades reconhecidas como divulgadores da chamada Nova Era²³.

No Fórum Central, destacam-se representantes de diferentes fontes de conhecimento, revelando-se algumas personalidades às quais pode ser atribuída a conotação de especialistas na divulgação dos conteúdos (e em certas ocasiões também ações) que se relacionam à concepção do Encontro para a Nova Consciência. Estes possuem um perfil diversificado: envolvimento com grupos religiosos estabelecidos, vínculos com determinados núcleos temáticos divulgados no universo neo-esotérico, associando a condição de intelectual (refletida na produção de livros, textos, publicações; no vínculo a diferentes institutos, espaços, alguns reconhecidos nacionalmente, como a UNIPAZ/DF; e na própria conotação de palestrante/conferencista) à sua própria trajetória que, inclusive, faz com que compareçam ao Encontro e a outros eventos e/ou atividades similares. Pelo mesmo motivo, seus nomes e falas apareçam em reportagens de revistas especializadas (como a *Planeta*).

As diferentes formas de “intervir no” e “participar do” Encontro englobam vários aspectos. O que é determinante não é o grau de erudição ou a amplitude das ações que fazem parte das trajetórias dos palestrantes, mas, de forma que remete aos seus perfis, o envolvimento com os propósitos do evento. Além de palestrantes assíduos, merecem destaque também presenças ocasionais, como o Teólogo Leonardo Boff (1997) e o escritor Paulo Coelho (em 1994).

É importante fazer algumas observações sobre o caráter de especialistas que pode ser atribuído a esses palestrantes. Destaca-se o reconhecimento de alguns de seus nomes em “mundos” que constituem interfaces com o universo neo-esotérico, como a academia e também diferentes universos religiosos, em algumas ocasiões refletidos em um mesmo perfil. A condição de “escritores” também é referência. É a forma como integram essas diferentes dimensões em suas trajetórias que permite situá-los como especialistas de um tipo singular e, em decorrência de tal caráter, portadores de um tipo de exemplaridade na divulgação dos temas vinculados ao neo-esoterismo. Tal condição está sempre atrelada à sua abertura para esses diferentes mundos e seus respectivos campos semânticos, bem como à disposição para o diálogo com eles (o que é, inclusive, requisito para a legitimação desta mesma condição). Assim, podem ser considerados *guias* – por construírem exemplarmente trajetórias que carregam a conotação religiosa ou outra, ao mesmo tempo em que reconhecem os circuitos, conduzindo, dessa forma, as interfaces entre diferentes práticas.

Os especialistas atuam como *guias* de um público mais amplo, em função do reconhecimento que têm. Passei a observar que a imagem que tais indivíduos assumem possui vínculos que vão além da importância do conteúdo e das informações que trazem, ancorando-se na forma de assimilação, refletida em uma inserção particular em espaços como os Congressos. Algo mais amplo que o discurso da busca da transformação faz com que suas intervenções expressem a opção por modos de vida que, explícitos ou sutis, estão presentes na forma de apresentação, nos gestos, na

referência constante às suas trajetórias individuais. Suas especialidades, não obstante contenham alguns princípios, permitem o diálogo com temas, conteúdos e práticas que ali se cruzam: a contracultura, o discurso ecológico e outras expressões organizadas em movimentos sociais, constituindo-se também como espaço possível de produção de novas sínteses.

Esses especialistas interagem com um segundo grupo, o qual, embora também seja definido por especialidades, caracteriza outro tipo de envolvimento: são os motivadores cujas atividades na região se estendem para além do tempo do Encontro, aos quais chamo de mediadores. A cada edição, fazem-se presentes agentes/facilitadores que exercem suas atividades em espaços nas cidades da região, com destaque para a cidade do Recife/PE, onde uma rede dessas práticas vem adquirindo visibilidade crescente, assumindo progressivamente uma conotação similar àquela já descrita em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Porto Alegre (por, respectivamente, Magnani 1999 e Maluf 1996). A rede é composta por um conjunto de espaços holístico/alternativos, alimentada pela circulação de informações em periódicos e jornais de grande circulação e dinamizada por meio da atuação dos mediadores.

Os facilitadores formam uma espécie de grupo intermediário, de mediação, cuja participação no Encontro está atrelada de maneira mais direta à divulgação e condução de práticas que remetem a especialidades mais delimitadas de cada um. São transmissores de informações e facilitadores de uma aprendizagem, vinculando-se, dessa forma, também na produção, tanto dos signos difundidos quanto das redes de organização. Caracterizam-se também por uma especialização, porém sua inserção no Encontro (e no universo neo-esotérico em sentido mais amplo) tem um papel diferenciado daqueles que classifiquei como especialistas.

A presença dos agentes/facilitadores do neo-esoterismo que atuam em espaços da região como mediadores – especialmente das cidades do Recife, Natal, João Pessoa – destaca-se no Simpósio de Terapias Alternativas. No Encontro, esses mediadores divulgam, em muitos casos, atividades vinculadas aos “espaços holísticos” da região, atuam como articuladores e motivadores.

Finalmente um terceiro grupo, os participantes. Em questionário aplicado em 2000, no qual procurei identificar seu perfil, foi possível perceber que se trata de público envolvido com o universo neo-esotérico, que vive em busca de novas experiências. Um número expressivo estava participando, naquele ano, de sua segunda ou terceira edição do Encontro. Repete-se, assim, também nos participantes, o caráter da assiduidade, favorecida pelas novas possibilidades e novas ofertas de reflexão, inerentes a dinâmica do ENC.

Visto sob a ótica de diferentes interações, a dinâmica do Encontro Para a Nova Consciência permite algumas articulações com os processos de produção de alternativas de sentido, que envolvem percursos feitos pelos que participam e são protagonistas neste processo de produção, para os quais a viagem a este e outros eventos similares possui significados que ultrapassam os limites de suas intervenções

públicas, revelando um cruzamento de suas experiências pessoais com a atuação da “Nova consciência”.

Impressões de viagens, trocas de experiências

No Encontro Para a Nova Consciência de 1998, o Jornalista e Editor Luis Pellegrini fez uma intervenção que remete tanto à ambientação, ao clima do Encontro, quanto aos sentidos que podem assumir a circulação de palestrantes e participantes.

Com a palestra chamada “Viagem no Mundo como Reflexo da Viagem da Alma”, descreveu com detalhes suas viagens para diferentes lugares como acréscimo na compreensão do ser humano e de si mesmo. Em um dos relatos, lembrava o retrato das condições de vida difíceis de famílias nordestinas que havia presenciado na mesma cidade de Campina Grande/PB, na década de 60, ocasião em que integrava um grupo juvenil de teatro. Em outro, falava de uma viagem ao Marrocos, com o objetivo de realizar compra de vestuário, onde teve contato com um comerciante árabe, com o qual estabeleceu uma negociação difícil para chegar a um consenso acerca do montante a ser pago pelos produtos. Ao fim, selado o acordo comercial, o vendedor convidou-o para um lanche, tendo Pellegrini percebido, como resultado do “fechamento do negócio”, o estabelecimento de laços de amizade.

O palestrante enfatizava cada viagem como um acréscimo ao seu “jeito de ser”, à “sua alma”. Para ele, rodar pelo mundo propiciou o contato e convívio com a diferença (que, a seu ver, é a única maneira de enriquecer o homem). Ao final, mencionou Helena Blavatsky, reforçando a sua autoimagem de um peregrino que encontrou o sentido da vida na eterna busca por alternativas de sentido, através do conhecimento de diferentes expressões das culturas humanas, que considera como parte de sua visão de mundo.

A reflexão de Pellegrini remete à viagem como experiência, tanto no que diz respeito a à vida como uma jornada espiritual/criativa, um tipo de peregrinação religiosa (concepção que remete o significado da viagem a períodos bastante recuados), como enquanto possibilidade de descentralizar as categorias habituais, de jogar com a desordem cultural, associando-se também aos sentidos da mobilidade social em épocas atuais, de intenso fluxo de pessoas, imagens e informações (Featherstone 1997).

Em reportagem publicada na *Revista Planeta*, edição de maio de 1998, Pellegrini relatou suas impressões de viagem para o Encontro Para a Nova Consciência, referindo-se ao “exemplo que a Paraíba está dando para o Brasil” (:63). Falou do entusiasmo dos participantes, da qualidade das intervenções e do clima acolhedor, no palco do teatro, no restaurante do hotel onde se concentra a hospedagem dos palestrantes convidados e também dos participantes. Mencionou sua surpresa inicial, uma vez que

a pauta, à primeira vista, parecia um samba do crioulo doido. Mas a impressão rapidamente revelou-se enganosa, pois, desde o início, a coisa

mais marcante do Encontro era a atmosfera de integração e unidade que o caracteriza. A começar pelo aspecto fortemente ecumênico e democrático: nunca antes vi, no Brasil, tantos representantes das mais diferentes facções religiosas se abraçarem em prol de um ideal comum: aquele que leva ao futuro (Pellegrini 1998:63).

Na sua fala, alertava para uma condição que antecede a afirmação do respeito: a importância do conhecimento sobre o *diferente*. O que sugere que uma grande quantidade de informações, de conhecimento, de saber revela-se como um qualificativo de distinção, propiciando a abertura para diversas experiências.

Neste contexto, o Encontro torna-se espaço de contato com as diferenças, daí a metáfora da viagem utilizada por Pellegrini na sua intervenção. Esse contato, valorizado em falas e conteúdos que se cruzam no decorrer das reflexões e das práticas, finda associado à própria experiência de ir ao Encontro como possibilidade de ampliação dos horizontes de conhecimento das diferenças formas de ser e de viver.

Na amplitude dos propósitos do Encontro, que pretende apresentar e por em comunicação um número crescente de perspectivas religiosas e não-religiosas, o contato é momentâneo, restringindo-se muitas vezes à transmissão de informações sobre determinada tradição, lembrando sempre a preocupação de trazê-la como contribuição para a expressão polifônica que comporta a própria noção de “nova consciência”.

Entretanto, se nas falas que têm lugar no palco e contam com a assistência de uma plateia os propósitos da “nova consciência” parecem limitados a um discurso que apregoa esta intercomunicabilidade, nos bastidores ocorre o fluxo de pessoas para as quais o Encontro, além de proporcionar o acesso a informações sobre essa diversidade, manifesta-se como possibilidade de contatos estreitos com diferentes perspectivas, reforçando aspectos identitários e criando terreno para o estabelecimento de laços de sociabilidade.

Para cada participante, experiências, surpresas, identificações, contatos. Enquanto as atividades se concentram no Teatro Municipal, os palestrantes e participantes vindos de diferentes cidades e regiões circulam por outros espaços, na perspectiva de reconhecimento do lugar, da cidade, das pessoas. Aqueles que vêm das regiões Sul e Sudeste frequentemente fazem alusão a uma oportunidade de conhecer outra “cultura”. São viajantes que participam, durante o período de carnaval, de um tipo especial de turismo: aquele que conduz a novas experiências de alteridade, e os relatos sobre tal circulação pela cidade sempre estão carregados desse sentido. Suas andanças terminam traduzindo-se em reflexões sobre singularidades de seu modo de ser, mas remetem também a memórias coletivas que sustentam o próprio sentido da participação em eventos como o Encontro Para a Nova Consciência.

Da mesma forma que Luis Pellegrini se referia a uma época de sua vida que recordara no Encontro, Márcia Frazão, presente em 1999, entendeu a viagem como

possibilidade de contato mais estreito com manifestações identificadas com raízes de suas próprias práticas. Em suas excursões pela cidade, contou que foi até uma feira livre e lá encontrou uma “benzedeira”. Reclamou, então, a ausência de “uma representante” dessa prática de cura no Encontro que, segundo ela, valorizaria as tradições locais e, especialmente, mulheres que representariam uma “tradição” esquecida pela “modernidade”:

Eu andei pela cidade, e fui parar numa feira, onde encontrei as benzedeiras, vendendo as suas ervas e tal. Eu admiro estas mulheres. Mulheres que têm filhos, sozinhas, essa coisa toda. Como preservaram durante anos e anos tradições que elas não entendem. Eu fui criada no Nordeste, em Teresina.[...]. Então para mim essa terra é muito sagrada, eu tenho uma ligação visceral. Então de repente você vê como no Nordeste, pessoas vestindo Hari-Krhisna, sabe, cultuando outras coisas completamente estranhas. Ontem eu passei a manhã inteira nesta feira que tem aqui. Mulheres incríveis, naquela parte de ervas, mulheres desdentadas, mas lindas, você sabe, a perplexidade no olhar, mas mítico, mítico, aquilo ali. E aí eu falei, Íris [uma das organizadoras do Encontro], pelo amor de Deus, no próximo encontro, coloque uma rezadeira, para que as pessoas possam sentir orgulho (Entrevista concedida a autora, Campina Grande/PB, fevereiro de 1999).²⁴

Apesar de ambos relatos expressarem um discurso de exaltação, elogiando seja a iniciativa do Encontro, sejam as belezas naturais e as características culturais nativas de uma região, aludem também à própria visão que vai sendo construída do Encontro e das diferentes atividades que ali se desenvolvem.

A “benzedeira” direciona para um *outro* saber, *uma tradição*, que serve como parâmetro para comparações e, simultaneamente, permite associações com as atividades de Márcia Frazão, atribuídas por ela mesma à sua condição de *bruxa* (responsável, por exemplo, pelo conhecimento das ervas que serviu de elo para o diálogo com aquelas mulheres). Mas aponta também, na sua fala, para uma leitura sobre o papel dessas mulheres na “conservação de tradições”, sugerindo um distanciamento e situando suas atividades como um repensar sobre os elementos de tais tradições.

Após um dia intenso de atividades, o restaurante do hotel transforma-se num espaço paralelo para o estabelecimento de contatos e de trocas. Momentos para comentar trajetórias, reflexões sobre temas presentes no Encontro, outras experiências e viagens. Troca de informações acerca de suas atividades, ampliação da circulação e alargamento de seus próprios circuitos. É também o momento em que se veiculam interpretações a respeito da disseminação do neo-esoterismo, tendo como parâmetro a valorização de trajetórias pessoais. Nesses espaços, acontece um tipo especial de troca, aquela que se realiza de maneira mais sutil, mas nem por isso desprovida de

importância para a dinamização do ideário neo-esotérico, e para a manifestação de opiniões diferenciadas sobre a adesão e a difusão. Trata-se de um contato favorecido por um clima de identificação emocional, onde acontecimentos e acasos podem acionar fragmentos de uma memória coletiva.

Quando solicitados a falar sobre suas histórias, os facilitadores enfatizam contatos com movimentos sociais e experiências que são relatadas, em uma releitura, como aspectos relevantes na definição dos caminhos do autoconhecimento e divulgação de práticas correlatas. Inclusive porque muitos dos conteúdos divulgados, não obstante a singularidade de sua organização, associam diferentes perspectivas (religiões, mitologias etc.) e, assim, guardam certas relações com concepções presentes em diferentes movimentos sociais que se originam após a década de 60. Trazem, por conseguinte, uma perspectiva crítica para esses novos arranjos, onde as concepções de religiosidade e espiritualidade se cruzam com movimentos da contracultura, no feminismo, no movimento ecológico etc.²⁵.

Ainda que se trate sempre de uma leitura efetuada através da memória, de forma que aspectos do passado são valorizados em função de imagens e idéias do presente, tais dimensões de suas vidas são assinaladas como propiciadoras da reflexão sobre a construção de um estilo de vida pessoal e, no caso daqueles que assumem sua prática enquanto profissão, como uma espécie de aval para que se permitam transmitir os conhecimentos acumulados em sínteses que vão oferecer como “cursos”, *workshops* e vivências ²⁶. Neste contexto, a referência à participação de movimentos da contracultura é sugestiva, por se tratar, inclusive, de um dos “mitos de origem” do neo-esoterismo em escala mundial, referenciado em vários trabalhos realizados (Heelas 1996; Amaral 1998 e 1999; Magnani 1999; entre outros).

Finalizando: na continuidade dos Encontros

Concorre para a sistematicidade do ENC a difusão de uma aposta naquilo que se define “macroecumenismo”, traduzido como ensaio de vivência plural da religiosidade, para proporcionar e incentivar a presença de um número cada vez maior de tradições (religiosas e não estritamente religiosas) que, através do diálogo entre seus representantes e adeptos, se reconheçam unidas a um propósito comum. É preciso apreender, entretanto, que se trata de uma forma singular de ecumenismo, que ultrapassa os limites da religiosidade e, mesmo que esta sirva de referência, não é um mesmo fundamento que sustenta sistemas de crenças que está em questão, nem de recorrências doutrinárias, tampouco a delimitação de ações conjuntas. O que está em questão, no Encontro para a Nova Consciência, é o contato e reconhecimento da diversidade enquanto vivência e experiência da religiosidade e as formas de participação de cada grupo religioso variam de acordo com a sua abertura para “muitos deuses”²⁷.

São duas as direções em que a experimentação como meta, que incorpora uma perspectiva ecumênica particular, é incentivada através do Encontro: de um lado, na

expectativa de refletir sobre questões que são consideradas comuns à humanidade e que terminam tendo eficácia pelo fato de todos se sentirem tocados por elas de alguma maneira – ainda que não na forma de uma intervenção direta no cotidiano de cada um, como seria o caso da questão do aborto, da sexualidade e outras tantas reveladoras de tensões, no interior de religiões consolidadas como o catolicismo. De outro, propiciando o contato entre diferentes tradições religiosas e não-religiosas, em um gesto simbólico de encontro, troca e diálogo, que facilita o reconhecimento da diversidade.

A dinâmica do Encontro Para a Nova Consciência pode ser situada como exemplo do modo de difusão predominante do fenômeno neo-esotérico, o qual contempla ordenamentos que se processam por meio da circulação de pessoas, de informações e da assimilação de diferentes saberes como parte de experiências cotidianas. Assim, na atribuição de *sentido* às práticas e conteúdos veiculados, em estreita dependência dos diferentes processos de difusão, tem destaque o movimento dos atores, que desenvolvem participação ativa nos significados conferidos. Especialmente por diferentes tipos de envolvimento em causas comuns, o que faz com que, no caso dos principais protagonistas que comparecem ao ENC, seja valorizado o pertencimento e atuação em movimentos contestatórios, na busca de alternativas de sentido. Pode-se supor que é esse envolvimento que abre a possibilidade para que, ao lado e simultaneamente à proposta de um diálogo inter-religioso, apresentem-se de modo cada vez mais enfáticas no ENC temáticas atreladas a manifestações coletivas que adquirem progressiva visibilidade no mundo globalizado contemporâneo, com destaque para temas relacionados ao meio ambiente, ao corpo, às sexualidades, entre outros.

Tais temáticas, entretanto, estão situadas no entrecruzamento de “pedaços” das diferentes tradições, religiosas e não-religiosas, apresentadas para o ensaio de novas sínteses, estas sempre cambiantes e dependentes daqueles que as veiculam e as trazem como parte de suas experiências pessoais: os representantes dessas tradições, que comparecem ao encontro na condição de especialistas e mediadores e interagem com os participantes assíduos ou ocasionais. É em função desse contato, feito de experiências que se cruzam, entre as diferentes modalidades de participação e também na relação que se constrói com referências do local (a cidade de Campina Grande), que o ENC, depois de duas décadas, continua emblemático como espaço que permite perceber possíveis contornos do fenômeno neo-esotérico e seus possíveis desdobramentos.

Outra característica que contribui para a sistematicidade do ENC é um diálogo cujas bases são coetâneas ao multiculturalismo. A valorização da diversidade e das diferenças, a incorporação e saliência de novas diferenças, em sintonia, de modo especial, com os questionamentos oriundos da reflexão antirracista, feminista, ecológica, entre outras manifestações, é sinalizada na definição dos temas de intervenções, no mesmo ritmo em que personalizada na presença de pessoas

reconhecidas, tanto no âmbito acadêmico quanto no ativismo político. A “nova consciência” incorpora sobretudo a crítica à polarizações, cisões, oposições, propondo convivência, solidariedade, comunidade. O Encontro em si, acontecendo, se constitui em espaço de contrastes entre múltiplas referências culturais, permitindo a experiência multicultural.

O Encontro da Nova Consciência permanece e se dinamiza por meio da inclusão constante de novos temas e práticas. Ocorre, a cada edição, a incorporação de assuntos diversos (Cinema, Anime Cult, Cristão Socialismo Libertário, entre outros, conforme observado na programação dos últimos anos), que apontam perspectivas de novos diálogos. Nesse processo, consegue diversificar seus adeptos, em virtude da inserção e acolhimento de reflexões e perspectivas de experiências, religiosas, terapêuticas, divinatórias, por vezes reivindicatórias, sempre reveladoras de gostos, estilos e comportamentos contemporâneos. A abertura constante para novas práticas, incluídas na reflexão proposta e destacada nos eventos paralelos, se constitui parte de uma lógica de organização que pode ser observada buscando não possíveis sínteses, mas o processo de elaboração do sentido. Desse modo, percebe-se, na dinâmica do ENC, formas de sociabilidade ali desenvolvidas, as quais permitem momentos de reconhecimento coletivo, viabilizados pela partilha de linguagens e experiências de busca espiritual e/ou terapêutica. Um projeto em construção, cujas possibilidades de abrangência vêm se ampliando e diluindo, sem perder de vista lógicas internas próprias de uma difusão não localizada, mas ordenada no decorrer de sua efetivação. Neste sentido, o ENC se alinha com outras referências objetivas, tais como espaços holístico-alternativos nas cidades, atividades especializadas, envolvendo práticas de cura, cursos, organização de rituais, vivências, *workshops*, entre outros, caracterizando uma forma de expressão que não remete à institucionalização nos moldes de uma doutrina, de uma religião, de um partido político, de uma disciplina. Suscita, ainda, um esforço de construção de estratégias de análise que desloquem referenciais estabelecidos –, por exemplo, os institucionais, como religião –, privilegiando o debruçar sobre o processo de construção, fluxos e movimentos²⁸.

Finalmente, no que se refere ao caráter do cultivo da espiritualidade, o ENC se coaduna com a perspectiva de crenças múltiplas, diversas, orientadas pelas experiências e trajetórias dos indivíduos. Nesse contexto, a religiosidade é experiência e troca, num horizonte de produção de conteúdos e práticas que ganham expressividade pelo reconhecimento coletivo.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Leila. (1998), *Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGAS/Museu Nacional.
- _____. (1999), “Sincretismo em movimento: o estilo Nova Era de lidar com o sagrado”. In: M. J. Carozzi (org.). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes.

- CASTRO, Celso. (1999), "Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro". In: G. Velho (org.). *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- FEATHERSTONE, Mike. (1997), *O Desmanche da Cultura*. São Paulo: Studio Nobel.
- HEELAS, Paul. (1996), *The New Age movement. The celebration of the self and the sacralization of Modernity*. Oxford: Blackwell Publishers.
- MAGNANI, José Guilherme. (1996), "O neo-esoterismo na cidade". *Revista USP*, 31: 6-15.
- _____. (1999), *Mystica Urbe*. São Paulo: Studio Nobel.
- MALUF, Sônia Weidner. (1996), *Les enfants du Verseau au pays des terreiros*. Paris: Tese de Doutorado em Antropologia, École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- MENEZES, Rachel Aisengart. (2004), "Dilemas de uma antropologia médica na casa da morte". Olinda: Trabalho apresentado na 24^a. *Reunião da Associação Brasileira de Antropologia*.
- PELEGRINI, Luis. (1998), reportagem sem título. *Revista Planeta*, maio.
- RUSSO, Jane. (1993), *O corpo contra a palavra*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- SCHWADE, Elisete. (2001), *Deusas urbanas: encontros, espaços e experiências neo-esotéricas no Nordeste*. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia, USP.
- _____. (2006), "Neo-esoterismo no Brasil: dinâmica de um campo de estudos". *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, 61(1): 5-24.
- SIMMEL, Georg. (1983), "Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal". In: E. Moraes Filho (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática.
- STOLL, Sandra Jaqueline. (1999), *Entre dois mundos: Espiritismo na França e no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP.
- TORNQUIST, Carmen Suzana. (2002), "Armadilhas da Nova Era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto". *Revista de Estudos Feministas*, 10(2): 483-492.

Sites:

URL:<http://novaconsciencia.multiply.com>.

Notas

- ¹ "Neo-esotérico" é o termo que estarei utilizando para fazer menção a esse fenômeno, cuja referência também é Nova Era, *New Age*, entre outros. O uso do termo, inclusive na grafia em que foi cunhado no final dos anos 90, *neo-esotérico*, segue a mesma perspectiva de Magnani (1999:13), qual seja a sua relação com um fenômeno, um universo de práticas singulares, as quais, conforme também argumentei em outros trabalhos (Schwade 2001 e Schwade 2006), se organizam no processo de sua efetivação. Embora tal fenômeno estivesse mais visível no final do século XX, em razão da expectativa associada à virada do milênio, é possível perceber que conteúdos e práticas associados à onda neo-esotérica atualmente estão presentes em diferentes experiências. Como exemplo significativo, práticas associadas ao parto (Tornquist 2002) e à morte (Menezes 2004) permitem associações com referências sublinhadas na divulgação de práticas neo-esotéricas.
- ² No decorrer de pesquisa de campo, envolvendo práticas neo-esotéricas, realizada principalmente nas cidades de Natal/RN e Recife/PE (Schwade 2001), vários informantes relatavam a sua participação na organização do I Encontro, todos residentes nas cidades de João Pessoa, Recife e Natal.
- ³ Como assinala Castro (1999:81), um lugar não é naturalmente turístico, e seu reconhecimento enquanto tal envolve uma "construção cultural", "...isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística é estabelecida, mantida e negociada".

- ⁴ De acordo com Magnani, circuito “... é uma categoria que permite identificar um conjunto de estabelecimentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de algum serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários habituais” (1999:62). A rede de contatos a que me refiro integra o circuito neo-esotérico, alimentado especialmente por agentes e divulgadores nas principais cidades nordestinas, os quais oferecem e divulgam diferentes práticas. O uso da categoria *circuito* tem implicações metodológicas importantes, uma vez que oferece um princípio de classificação portador de diversos níveis de abrangência e sua elasticidade permite sugerir, inclusive, a inserção de um determinado circuito em outro de maior amplitude. Assim, contempla tanto a circulação de pessoas na região quanto os vínculos e as relações estabelecidas com especialistas oriundos de diferentes regiões do Brasil e de outros países.
- ⁵ O ENC concentra as suas atividades principalmente no Teatro Severino Cabral, que se localiza no centro de Campina Grande e é um dos principais espaços coletivos da cidade.
- ⁶ Sobre o caráter religioso do universo neo-esotérico, contextualizando sua interação com nuances das cores locais que assumem práticas religiosas na região Nordeste, o Congresso de Campina Grande pode ser situado como mais uma das inúmeras opções de retiros espirituais que se mesclam aos festejos de carnaval, em diferentes cidades da região, envolvendo viagens, encontros, celebrações e reflexões. Faz parte do calendário de eventos da cidade, registrado na EMBRATUR.
- ⁷ Ambos, o Pastor Nehemias Marien e o Bispo Dom Luiz Gonzaga Fernandes participaram até a edição de 2006. O bispo faleceu durante o ano de 2006 e o pastor, em janeiro do ano seguinte. No Encontro de 2007, a abertura consistiu em uma homenagem a esses religiosos e sua morte recente implicou na mudança da solenidade de abertura, conforme retomarei adiante.
- ⁸ “Religiosidades em Construção” é um termo utilizado aqui em sentido similar ao que é empregado por Amaral como “práticas semi-religiosas propriamente Nova Era” (1999:63), que se definem pelo diálogo entre aspectos oriundos de diferentes tradições religiosas. Não obstante se caracterizarem por este diálogo, cabe registrar a importante observação de Stoll (1999) acerca do perigo de escamoteamento de matrizes religiosas e filosóficas que orientam a constituição de novas sínteses religiosas, em “...um amálgama de ‘velhas’ e ‘novas’ tradições”.
- ⁹ A referência mais explícita ao tema da homofobia data de 2006, ano a partir do qual começa a ser organizado o “Encontro sobre o homoerotismo”. A programação de 2008 envolveu as seguintes intervenções:
História e homoerotismo: por uma nova gramática erótica (Elisa Nóbrega – Historiadora – UEPB/PB); *Monogamia* (Dulílio Ferronato, Colunista da Folha de São Paulo – SP); *A homossexualidade no espaço da escola* (Flaubert Paiva, jornalista e Professor – FIP/PB); *Militância e ativismo: a problemática homossexual a partir do olhar pós-modernista de Foucault e Deleuze* (Alexey Dodsworth, Filósofo – SP). Entretanto, a referência e discussão acerca da sexualidade esteve implícita na reflexão sobre a diversidade e particularmente nas contínuas alusões ao *feminino*, desde as primeiras edições do ENC. A referência a esta e outras temáticas no decorrer do Encontro faz com que as mesmas sejam objeto de reportagens nos jornais locais, suscitando um espaço de reflexão sobre diferentes expressões de preconceitos.
- ¹⁰ Desenvolvi este argumento na minha tese de doutorado (Schwade 2001), tendo em vista a abertura constante dos agentes divulgadores para novas práticas, novos conteúdos e novos cruzamentos. O ENC é exemplar nesse sentido, conforme retomo adiante.
- ¹¹ Ecologia, espiritualidade e feminino constituem o tripé que confere sentido às diferentes práticas e conteúdos neo-esotéricos. Esse argumento foi desenvolvido por Magnani (1999), considerando os circuitos neo-esotéricos em São Paulo. Soares (1994) também enfatiza a relação ecologia/espiritualidade/feminino. No desenvolvimento de minha tese de doutorado (Schwade 2001), aprofundei as referências ao feminino no universo neo-esotérico.
- ¹² A organização do evento empenha-se em divulgá-lo amplamente na imprensa local e nacional, mencionado, por exemplo, grandes reportagens a respeito exibidas pelo Programa Fantástico, da

- Rede Globo. Também como parte da divulgação, vídeos que remetem ao lugar — Campina Grande — como “epicentro da espiritualidade” (URL: <http://novaconsciencia.multiply.com>).
- ¹³ Alguns desses divulgadores são incorporados como ícones do ENC — o que fica evidente, por exemplo, na venda de vídeos com as suas falas, realizada pelo site principal de divulgação do evento (URL: <http://novaconsciencia.multiply.com>). As diferentes participações no ENC são assunto de itens subsequentes, ainda neste texto.
- ¹⁴ Que pode ser assinalada também como “evolução”, “desenvolvimento” e “despertar” da consciência, conforme diferentes versões.
- ¹⁵ Também em algumas edições são anunciados atendimentos individuais, como “numerologia”, “Búzios”, “Tarô”.
- ¹⁶ A referência à tradição também aparece na divulgação de práticas, como por exemplo, o encontro de Rezadeiras, incorporado ao evento desde 2006. Na divulgação, consta: “Dentre os eventos, haverá o 2º Encontro das Rezadeiras, onde mulheres, das cidades de Areia e Boa Vista, que praticam este ofício, falarão um pouco sobre a “arte de rezar”, prática milenar que, com as mudanças ocorridas no mundo, está desaparecendo. No ano passado, esse foi um dos eventos paralelos mais concorridos e, neste ano, também será um grande sucesso” (URL:<http://novaconsciencia.multiply.com>. Acesso em 20/02/1999).
- ¹⁷ Vale salientar a grande ênfase, no universo neo-esotérico, em um tipo de reflexão que assume uma conotação teórica, e que está presente também nas atividades dos “espaços holísticos”. Este aspecto faz ainda com que os adeptos do neo-esoterismo, de maneira geral, se dediquem ao “estudo” e à leitura de obras, que podem ser específicas a alguma linha de adesão à que se filiem, ou mais gerais, que perpassam e dão sustentação a diversas elaborações de conteúdos e práticas. Penso, como um exemplo importante que se repetiu em várias conversas com informantes, a literatura sobre “mitologia”, tanto grega e egípcia quanto indígena.
- ¹⁸ Questão que foi sublinhada por Magnani, considerando também a referência à Tradição, onde a ciência entraria como instância legitimadora de conhecimentos acerca da humanidade afirmados como tradicionais (1999:86).
- ¹⁹ As atividades das reuniões de grupos religiosos em eventos paralelos estão detalhadas nos *folders* que contêm a programação do Encontro. Entretanto, é preciso considerar que em algumas destas o acesso pode ser mais restrito, uma vez que a participação depende, por exemplo, da “iniciação”.
- ²⁰ Inclusive como um aprendizado através do corpo, conforme Russo (1993).
- ²¹ Esta distinção é explicitada no relato etnográfico efetuado por Amaral (1999), a partir das observações realizadas no Festival *Mind Body and Spirit*. Amaral enfatiza o clima da “feira” e “festa” presente no referido festival, caracterizando-o como “vivência”, enquanto *workshops* são descritos como espaços de aprendizado de novas técnicas para que o sujeito possa “autoconhecer-se”.
- ²² No caso da inserção das expressões artísticas, que pude verificar em várias ocasiões em outros espaços contemplados pela pesquisa, a sua inclusão parece refletir não o aprendizado da arte enquanto técnica, portadora de um conjunto de conhecimentos e uma metodologia. Reflete uma concepção de senso comum, que considera a arte como possibilidade de “liberação”, de expressão lúdica.
- ²³ Entre outros: Pedro Camargo, escritor e jornalista; Luis Pellegrini, editor da Revista; Valdemar Falcão, Astrólogo.
- ²⁴ De fato, conforme mencionei, a partir de 2006 as rezadeiras foram chamadas para participar oficialmente do ENC.
- ²⁵ Neste sentido, constituindo-se em parte de um movimento de ruptura, assinalado por Maluf como presente na emergência de uma “cultura neo-espiritual” (1996:258).
- ²⁶ Por exemplo, Carminha Lévy afirma ter nascido “como nascem os xamãs”, conforme relatou-me em entrevista realizada em 1999: “Eu sempre falo que eu nasci xamã, eu nasci empelicada, eu não sei se você sabe o que é nascer empelicada, no Nordeste é muito comum, também no Rio Grande do Sul, é quando a criança nasce com a pelúcula que a envolve. Não tem nada a ver

- com a placenta, é a película. Isso é sinal que nasceu um xamã de xamãs... Xamã que vai despertar o xamã dos outros. Existe uma tese, muito interessante, de um italiano, chama-se 'Os andarilhos do bem', sobre este fenômeno, na Idade Média, no período das bruxas, foi muito intenso, essas pessoas nasciam com esta pele, e as mães dobravam, e usavam como amuleto. Isso era chamado 'pelego'. E isso dava ao seu proprietário poder de sair do corpo".
- ²⁷ Dos grupos religiosos, os organizadores assinalam a dificuldade de atrair a participação da denominação evangélica (em especial neopentecostais), os quais teriam condicionado sua participação à ênfase na proposta "evangélica-cristã". Assim, para demarcar posição, os evangélicos organizaram um evento chamado "Encontro Para a Consciência Cristã", no mesmo período. No ano de 2000, inclusive, havia um *outdoor* chamativo e provocativo em frente ao Teatro Municipal, onde se concentram as atividades do Encontro Para a Nova Consciência, referindo-se ao "II Encontro Para a Consciência Cristã: A Verdadeira Consciência". Nos anos seguintes, são cada vez mais frequente as notícias que explicitam um conflito entre os dois encontros, culminando muitas vezes em agressões. Uma análise mais aprofundada desse conflito envolveria uma investigação sobre os sentidos assumidos pelos encontros — da Nova Consciência e da Consciência Cristã na dinâmica da cidade, considerando as respectivas expressões religiosas.
- ²⁸ Ver o desenvolvimento desse argumento em Schwade (2006).

Recebido em junho de 2009
Aprovado em março de 2011

Elisete Schwade (eliseteschwade@gmail.com)
Doutora em Antropologia Social (USP, 2001) e Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Resumo:

Neste artigo faço uma descrição etnográfica do “Encontro Para a Nova Consciência” – ENC, que acontece anualmente em Campina Grande-PB, no período do carnaval, desde 1992. Um evento que promove o contato inter-religioso, ao mesmo tempo em que divulga uma “leitura” de realidades com conotação terapêutica. Propõe o diálogo de práticas religiosas com temas de amplo interesse na atualidade, tais como tolerância, paz, diversidade, questões ambientais, entre outros. Um espaço aberto que incorpora a cada edição novos diálogos, o que contribui para sua permanência. O texto sublinha interações e diálogos entre atores no ENC, por meio de referências associadas à religiosidade, enquanto vivência e partilha, num horizonte de produção e difusão de práticas e conteúdos que ganham expressividade pelo reconhecimento coletivo.

Palavras-chave: etnografia, neo-esotérico, nova consciência, religiosidade.

Abstract:

In this article an ethnographic description of the “Meeting For New Conscience” – ENC is made, an annual event in Campina Grande-PB which takes place around carnival since 1992. This event promotes inter-religious contact as well as a “reading” of realities in a therapeutic light. It proposes a dialogue on religious practices bridging subjects of great interest to modern times, such as tolerance, peace, diversity, and environmental topics among others. An open space that incorporates new dialogues with each edition, and which contributes towards its permanence. This text underlines the interaction and dialogues between actors in the ENC, by means of references associated with religiosity, while experiencing and sharing, on a horizon of production and diffusion of practices and knowledge that will be expressed simply by being collectively recognized.

Keywords: ethnography, neo-esoteric, new consciousness, religiosity.